



A Relação do Discurso Jornalístico-Literário das Revistas Realidade e piauí com o Contexto Sócio-Histórico: Uma Análise Hermenêutica¹

Tássia JAEGER²

Michele LIMEIRA³

Centro Universitário Metodista, do IPA

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar a relação do discurso e da pauta de duas reportagens jornalístico-literárias que foram capa de duas revistas de épocas distintas com o contexto sócio-histórico no qual estavam inseridas. São elas: “*Êste casamento é proibido. E daí?*”, da revista *Realidade*, de novembro de 1969, e “*Como mudar de sexo*”, da revista *piauí*, de abril de 2010. A metodologia utilizada é a Hermenêutica de Profundidade e sua análise tríplice, que considera três fases: análise sócio-histórica, análise discursiva e interpretação/reinterpretação. Através da análise, percebemos que há relação entre discurso, pauta e contexto sócio-histórico, na medida em que este contexto é refletido nos textos e nos assuntos das reportagens.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Literário; Reportagem; Revista; Realidade; piauí

INTRODUÇÃO

O Jornalismo Literário foi um gênero jornalístico amplamente difundido nas décadas de 1960 e 1970 por muitos veículos, em especial revistas. Surgiu devido à necessidade de romper com a objetividade do jornalismo convencional, que já não dava mais conta da abordagem necessária que assuntos consequentes das novas conjunturas sociais exigiam. Era preciso maior aprofundamento e humanização, tanto em se tratando de estilo discursivo como de escolha da pauta. As décadas de 1960 e 1970 passaram, mas a utilização do Jornalismo Literário como gênero-símbolo de liberdade editorial permanece ainda hoje.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Este artigo sintetiza as ideias apresentadas na monografia que o originou, apresentada como trabalho de conclusão do curso de Jornalismo, do Centro Universitário Metodista, do IPA, pela autora.

² Estudante de Graduação do 8º. semestre do Curso de Jornalismo do Centro Universitário Metodista, do IPA, Porto Alegre, RS, email: tassia.jaeger@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo do Centro Universitário Metodista, do IPA, Porto Alegre, RS, email: michele.limeira@metodistadosul.edu.br



Mostrar essa relação do Jornalismo Literário com o contexto sócio-histórico é o principal objetivo deste artigo. Para tanto, escolhemos duas reportagens de capa de duas revistas de períodos diferentes, a fim de mostrarmos a relação de seu discurso e pauta com o contexto sócio-histórico. A delimitação da nossa análise se refere às reportagens “*Êste casamento é proibido. E daí?*”, da revista *Realidade*, de novembro de 1969 e “*Como mudar de sexo*”, da revista *piauí*⁴, de abril de 2009. A reportagem da revista *Realidade* fala das dificuldades e dos preconceitos enfrentados por desquitados que desejam casar-se novamente. Por sua vez, a reportagem da *piauí* trata das angústias sofridas pelos transexuais no momento que antecede a cirurgia de mudança de sexo, dos detalhes do procedimento cirúrgico e dos preconceitos que os atingem.

As revistas e as reportagens foram escolhidas intencionalmente. Em relação às revistas, ambas foram escolhidas pelas seguintes razões: predominância do texto jornalístico-literário, relação do conteúdo com o contexto sócio-histórico, e temas de interesse geral que são frequentemente ignorados pela imprensa diária devido ao aprofundamento que requerem. Quanto às reportagens, foram escolhidas por tratarem de temas que refletem preconceitos sofridos por indivíduos na sociedade em que vivem, pela curiosidade que o mundo destes indivíduos gera nesta mesma sociedade, e por relatarem histórias de pessoas que subvertem a ordem comum de aceitação social na luta pela sua satisfação pessoal.

Para efetuarmos nossa pesquisa, através da Hermenêutica de Profundidade e sua análise tríplice, começaremos analisando os contextos sócio-históricos em que as reportagens foram produzidas e veiculadas (análise sócio-histórica); identificaremos e interpretaremos as características discursivas do texto jornalístico-literário nas reportagens, em diferentes contextos sócio-históricos (análise discursiva), a fim de compreendermos as pautas naquele contexto (interpretação/reinterpretação).

2 JORNALISMO LITERÁRIO, REPORTAGEM E REVISTA

Não podemos falar de Jornalismo Literário sem falar em reportagem, o texto-base para o seu desenvolvimento. A reportagem “é a ampliação do relato simples, raso, para uma dimensão contextual” (LIMA, 2004, p.18), cujo “aprofundamento do conteúdo informativo se faz numa abordagem estilística” (MEDINA apud COIMBRA,

⁴ A revista *piauí* é escrita com a primeira letra em minúsculo, conforme registrada juridicamente.



2004, p.9). Mais ainda: “A reportagem encurta a distância entre o leitor e o acontecimento” (VILAS BOAS, 1996, p.43).

Importante salientar que não podemos separar da reportagem sua pauta, visto que ela pode ser um fator decisivo na produção de um bom ou mau texto. Neste caso, vale relembrar o princípio do *newsmaking*, processo que possibilita determinar quais acontecimentos cotidianos têm potencial para se transformar em notícia. Para que este processo ocorra é preciso auxílio dos *critérios de noticiabilidade*, que se evidenciam e, diríamos até, se fundem, nos *valores-notícia (news value)*.

Os critérios de noticiabilidade geralmente incluem, sob a forma de uma lista, fatores como a oportunidade, a proximidade, a importância, o impacto ou a consequência, o interesse, o conflito ou a controvérsia, a negatividade, a frequência, a dramatização, a crise, o desvio, o sensacionalismo, a proeminência das pessoas envolvidas, a novidade, a excentricidade e a singularidade (no sentido de pouco usual) (SHOEMAKER apud PENA, 2008).

Os *valores-notícia*, por sua vez, são “um conjunto de elementos e princípios através dos quais os acontecimentos são avaliados pelos meios de comunicação de massa e seus profissionais em sua potencialidade de produção de resultados e novos eventos, se transformados em notícia” (HOHLFELDT, 2001, p.208). Estes valores são analisados pelos *gatekeepers*, responsáveis pela filtragem das informações e julgamento do que é ou não noticiável.

Uma consideração relevante de Sousa (2002) diz que o ambiente sócio-cultural também influencia na notícia. O contrário também é verdadeiro, pois “(...) há notícias potenciais que acabam por participar na construção social da realidade” (SOUSA, 2002, p.45).

Vale ressaltar que o Jornalismo Literário é um gênero que se desenvolve melhor em revista, devido à sua periodicidade que permite maior a tempo de apuração, e ao seu formato que dedica mais espaço para uma reportagem mais ampla. Para Bucci (2000, p.111), “as revistas não pretendem nem dizem pretender retratar o mundo e a vida como eles são, mas pretendem fazer uma leitura do mundo, uma interpretação da realidade – e é com isso (*com essa leitura, com essa interpretação*) que o leitor se identifica (*grifo nosso*)”.

Vilas Boas concorda com a afirmação de que a revista é o melhor suporte para o texto jornalístico-literário ao considerar que “a revista semanal de informações se



apropriada de técnicas literárias, aproximando-se mais da literatura do que de qualquer outro meio jornalístico impresso” (1996, p.34). Além do mais, “outra característica da revista semanal de informações é assumir mais declaradamente o papel de formadora de opinião” (VILAS BOAS, 1996, p.20).

3 OBJETO DE ESTUDO E METODOLOGIA

Conforme explicitado anteriormente, nosso objeto de estudo são duas reportagens jornalístico-literárias que foram capa das revistas em que se inseriram, no caso *Realidade* e a *piauí*, e que abordaram temas polêmicos, que mexem com preconceitos sociais, o desquite e o transexualismo. São elas: “*Êste casamento é proibido. E daí?*” e “*Como mudar de sexo*”, respectivamente. A análise centra-se na relação do discurso e da pauta das reportagens com o seu contexto sócio-histórico.

Entretanto, antes de falarmos mais sobre as reportagens que serão analisadas, é imprescindível o repasse de algumas informações pontuais sobre cada uma das revistas nas quais estas se inserem. Isto porque, a nosso ver, a análise das reportagens desconsiderando o veículo no qual se desenvolvem, e o conseqüente contexto no qual este se encontra, torna-se superficial e não atende ao objetivo deste estudo.

Diante disso, começamos apresentando a revista *Realidade*. Nascida em abril de 1966 com uma proposta totalmente inovadora, logo de início já foi sucesso de público. Pioneira, buscava compreender, mostrar e explicar o espírito de sua época através de matérias ousadas, criativas, atraentes e aprofundadas. *Realidade* foi responsável por várias rupturas: a dos padrões estruturais e estilísticos de discurso; da pauta (do que pode ou não ser dito); e do caráter exclusivamente noticioso, passando, portanto, a pautar a sociedade e suas iniciativas civis. A revista *piauí*, por sua vez, foi lançada em outubro de 2006 pelo documentarista João Moreira Salles, que aproveitou seu conhecimento cinematográfico-jornalístico para transportar técnicas do vídeo para o papel. Assim como a *Realidade*, a *piauí* busca transmitir aos seus leitores o que acontece na realidade de uma maneira mais atrativa e profunda, utilizando-se dos mesmos recursos literários.

Agora que já sabemos um pouco mais sobre os veículos nos quais as reportagens que serão analisadas estão ancoradas, podemos descrever melhor cada uma delas. Sendo assim, começamos pela reportagem “*Êste casamento é proibido. E daí?*”. A reportagem foi escrita pelo jornalista José Carlos Marão, ilustrada com as fotos de Zé Pinto, e



publicada na edição de novembro de 1969. Ocupa seis páginas da revista e utiliza recursos literários como a narração, a reprodução de falas, diálogos e monólogos interiores, a descrição de ambientes e personagens, adjetivações, e a inserção de reflexões subjetivas do repórter-narrador, além da exposição de dados. A matéria é dividida em *cases*, destacados pelos intertítulos, que mostram situações diferentes em torno de um mesmo problema. Tem um aspecto crítico ao destacar frases de impacto ao longo da matéria através de *olhos*⁵, assim como pelas opiniões implícitas do narrador. Tem como objetivo apontar as dificuldades que as pessoas desquitadas enfrentam para se casar pela segunda vez, e a luta destas pelo divórcio, além do preconceito que ronda esta situação.

Já a reportagem da revista *piauí*, intitulada “*Como mudar de sexo*”, e escrita pela jornalista Clara Becker, como bem sintetiza sua linha de apoio, fala sobre “a vida, as angústias e as cirurgias que transexuais fazem com o doutor Eloísio Alexandro num hospital público do Rio de Janeiro”. A matéria tem seis páginas e não tem divisões de *cases* através de intertítulos. Entretanto, também conta histórias distintas, utilizando-se dos mesmos recursos literários que a *Realidade*.

As reportagens escolhidas serão analisadas como formas simbólicas que, portanto, exigem uma interpretação. A metodologia que adotaremos para a análise cujo problema relaciona discurso e pauta ao contexto sócio-histórico, será a Hermenêutica de Profundidade (HP), na visão de Thompson (1995).

Para fins de esclarecimento, a HP “coloca em evidência o fato de que o objeto de análise é uma construção simbólica significativa, que exige uma interpretação” e que “as formas simbólicas estão também inseridas em contextos sociais e históricos de diferentes tipos” (THOMPSON, 1995, p.355). Ressaltemos que na fase da análise de discurso utilizaremos a Análise de Discurso Francesa (AD) de Márcia Benetti (2007). A autora ressalta que o discurso é construído de forma intersubjetiva, o que “exige compreendê-lo como histórico e subordinado aos enquadramentos sociais e culturais” (BENETTI, 2007, p.108).

Quanto à terceira fase de interpretação-reinterpretação, Thompson (1995) explica que o processo de interpretação é simultaneamente um processo de reinterpretção, pois “as formas simbólicas que são o objeto de interpretação são parte de um campo pré-interpretado, elas já são interpretadas pelos sujeitos que constituem o

⁵ Termo jornalístico que denomina um trecho do texto destacado no meio da página.



mundo sócio-histórico” (THOMPSON, 1995, p.375). Mas por que reinterpretar? De acordo com Thompson (1995, p.375), a ideia é projetar “um significado possível que pode divergir do significado construído pelos sujeitos que constituem o mundo sócio-histórico”.

A análise tríplice faz-se necessária no objeto de estudo em questão na medida em que todos os ângulos se relacionam, ou seja, que as formas simbólicas “são produzidas, transmitidas e recebidas em condições sociais e históricas específicas” (THOMPSON, 1995, p.366).

4 ANÁLISE TRIPLICE DAS REPORTAGENS “ÊSTE CASAMENTO É PROIBIDO. E DAÍ?” E “COMO MUDAR DE SEXO”

Através da análise sócio-histórica, inicialmente faremos um panorama sócio-político do país durante o período de existência das revistas. Feito isto, adentraremos na conjuntura sócio-cultural relativa ao tema central das reportagens, ou seja, contextualizaremos o fato nuclear. Finalizada esta primeira parte da análise tríplice, entraremos na análise discursiva, na qual apontaremos características estilísticas e estruturais dos discursos e sua relação com o contexto. Por último, na fase de interpretação/reinterpretação, buscaremos atestar nossa hipótese inicial de que há relação do discurso e da pauta das reportagens jornalístico-literárias com o seu contexto sócio-histórico.

4.1 Análise tríplice da reportagem “ÊSTE CASAMENTO É PROIBIDO. E DAÍ?”

4.1.1 Análise sócio-histórica

4.1.1.1 Ditadura⁶ – o contexto sócio-político da revista *Realidade*

A revista *Realidade* nasceu dois anos após o Golpe Militar no Brasil, um período muito conflituoso em todos os âmbitos sociais, principalmente em se tratando de cerceamento às liberdades individuais e coletivas. Durante sua existência, a revista

⁶ Para dar embasamento teórico a este capítulo utilizamos como referência os seguintes livros: BUENO, Eduardo: *Brasil: Uma história: Cinco séculos de um país em construção*. São Paulo: Leya, 2010 e VALADARES, Virgínia Trindade; RIBEIRO, Vanise; MARTINS, Sebastião: *História: Assim caminha a humanidade*. Belo Horizonte: Editora do Brasil em Minas Gerais, 1993.



vivenciou desde a transição do regime liberal-democrático para a ditadura⁷ até as primeiras tentativas de retomada da democracia.

Nessa época, justamente quando nasceu a revista *Realidade*, como convém lembrar, o governo impôs ao país a Lei de Imprensa, destinada a evitar críticas e ataques ao regime militar, criando severas punições aos jornalistas que não a obedecessem. Para controlar a produção artística, os militares ainda contavam com o Serviço de Censura e Diversões Públicas (SCDP), que decidia o que o público poderia ver no cinema e ouvir nas rádios. Até o fim dos anos 1960, seriam proibidos cerca de 500 filmes, 450 peças teatrais, 200 livros e 200 letras de músicas.

Através do AI-5, dezenas de jornais, revistas, rádios e emissoras de TV foram ocupados por censores. Nesta época também foram presos muitos jornalistas, sendo tratados como criminosos. Para driblar o regime alguns veículos, como o jornal *O Estado de São Paulo*, encontraram formas originais de afrontar o autoritarismo. Reportagens censuradas eram substituídas por poemas, como *Os Lusíadas*. O *Jornal da Tarde*, por sua vez, substituída por receitas de bolo.

Apesar do curto período de vida, *Realidade* (1966-1976) simbolizou uma ruptura em grande escala na imprensa brasileira, desde os padrões estruturais ao conteúdo. O Brasil foi desvendado por inteiro pela revista, que se preocupou com o contexto e a situação em torno do acontecimento. Mesmo em um período desfavorável para a ousadia, a revista preocupou-se em questionar aquilo que não era questionado de maneira sutil, exigindo do leitor a interpretação das entrelinhas, o que não era difícil. “Era um tempo em que o Brasil precisava se conhecer melhor e a *Realidade* ajudou o país a descobrir-se” (SCALZO, 2004, p.17).

4.1.1.2 Divórcio no Brasil⁸ - o contexto sócio-cultural referente ao assunto da reportagem

A reportagem “*Êste casamento é proibido. E daí?*” foi publicada em um período em que a separação física de um casal (desquite) era permitida, mas a separação

⁷ Apesar do período de censura que a ditadura simbolizou, *Realidade* não se absteve de publicar muitas matérias sobre esse período, como: *Como pensa o Congresso (e como votaria se pudesse)*, dezembro de 1967; *É verdade que, no Brasil, todo o poder está nas mãos dos militares?*, junho de 1966; *Os cassados têm o direito de defesa?*, novembro de 1966; e *Eleições indiretas são democráticas?*, abril de 1966.

⁸ Informações compiladas do site http://www.arpenbrasil.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=4267&Itemid=83, consultado em 18 de maio de 2011.



judicial, não. As pessoas desquitadas sofriam preconceito da sociedade, apesar de amparadas pela lei. Sendo assim, até o ano de 1977, quando foi aprovada a Lei do Divórcio, quem casava, permanecia com um vínculo jurídico para o resto da vida. Caso a convivência fosse insuportável, poderia ser pedido o desquite, que interrompia ao menos os deveres conjugais. Ou seja, os bens eram partilhados, acabava a convivência sob mesmo teto, mas nenhum dos dois poderia recomeçar sua vida ao lado de outra pessoa cercado da proteção jurídica do casamento. Foi somente com a Constituição de 1988 que passou a ser permitido divorciar e recasar quantas vezes fosse preciso.

4.1.2 Análise discursiva

4.1.2.1 A relação do discurso da reportagem com o contexto sócio-histórico

A principal relação da reportagem em questão com o contexto sócio-político é justamente a preocupação em transgredi-lo, na medida em que aborda um tema considerado tabu na época. A discussão em torno do assunto divórcio, que aqui chamamos de contexto sócio-cultural, não era bem vista pela censura imposta pela ditadura. Entretanto, a revista considerava importante levar à sociedade mais informações sobre o assunto, visto que o divórcio estava sendo amplamente discutido em se tratando de sua legislação. Para que façamos a identificação proposta, destacaremos alguns trechos do texto em que fica evidente esta relação.

A reportagem inicia com a descrição de uma cerimônia de casamento em desacordo com os padrões tradicionais e culturalmente aceitos, conforme percebemos pelo uso dos advérbios de negação “não” e “nem” para apontar o conflito: “*Não houve padre, nem juiz, nem o sim*”. O repórter-narrador complementa a descrição iniciando pelo advérbio de exclusão “só”: “*Só houve um bôlo, sanduíches, bebidas, umas vinte pessoas e um ar constrangido dos mais velhos*”. Atentemos aqui para o apontamento que o narrador faz da sensação de incômodo dos convidados com a situação, ou seja, com o segundo casamento de uma desquitada. Em seguida conseguimos identificar qual o aspecto relacionado ao casamento que gera o preconceito, quando há um comentário do noivo quanto à legalização do seu casamento com seu pai: “- *Não, pai, é pra valer. Se ela não fosse desquitada, ia ser com padre e tudo*”.

No quarto parágrafo, o narrador faz uma observação explícita, através do uso de um adjetivo composto com a fonte em itálico, daquilo que fica subentendido na reação



dos familiares da noiva durante a cerimônia: “*Foram recebidos pelos sorrisos da família, alegre de a filha – **desquitada-condenada** – ter conseguido um bom segundo casamento*”. No sexto parágrafo, este preconceito familiar com a moça desquitada fica explícito: “*Os cochichos se espalharam pela **parentada**: - **O Flávio amigou com uma desquitada!** - **Coitadinho. Mas logo percebe e vai casar com uma boa môça***”.

No décimo parágrafo do segundo *case*, é possível observar o preconceito ainda maior com um homem desquitado: “*Tudo bem, conversa muito agradável, até **Osmar explicar que se estava desquitando do primeiro casamento***”. Isso fica ainda mais evidente quando é reproduzida a fala do pai da noiva: “*Isso é brincadeira! Vocês estão brincando comigo!*”.

No segundo parágrafo do terceiro *case*, o preconceito em relação ao desquite se evidencia: “*Para a mãe dela, ser desquitada era o mesmo que ser imoral*”. Importante destacar novamente que o preconceito social é oriundo do ambiente familiar, ou seja, a família demonstra resistência em assumir um parente desquitado por receio do que os outros vão pensar.

4.1.2.2 A estrutura de reportagem no discurso

A reportagem que estamos analisando é essencialmente narrativa. Apesar disso, há quebra de ritmo narrativo para inserção de *flashbacks*, dados complementares, descrições de pessoas e ambientes, *cases* e reprodução de falas e monólogos interiores. Abaixo sinalizadmos algumas dessas características.

No intertítulo “*Onde se pode casar?*”, se estabelece por vários parágrafos o diálogo entre a personagem Ismênia e a advogada Darci. No segundo parágrafo é descrita Darci mais detalhadamente do que anteriormente foi: “***Darci, uma môça despachada, segura, trata todo mundo por minha filha, meu amor, minha querida, meu bem***”. No parágrafo seguinte, há uma quebra de ritmo para que haja exposição de dados relacionados aos casamentos realizados por Darci. Os parágrafos seguintes tratam dos seus concorrentes. Em um deles há a descrição do escritório de Seu Filipe, um concorrente: “***Seu Filipe atende numa sala pouco maior que a de Darci. Tem uma mesa de aço, uma mesinha de madeira com máquina de escrever, sofá-cama de casal, aberto, com um lençol estendido, um par de óculos jogado displicentemente por cima***”.



4.1.3 Interpretação/Reinterpretação

A reportagem em questão relaciona-se ao contexto sócio-histórico porque este exigiu que a revista o afrontasse para esclarecer a sociedade sobre o divórcio, um assunto que era de interesse social no momento.

A revista procurou questionar e levar a sociedade a refletir sobre questões atuais, a fim de incentivá-la a agir em prol da modernização das percepções sociais, institucionalizadas em forma de lei ou através dos preconceitos adotados por um senso-comum, tal como o divórcio. Ela foi ao encontro do que Pena (2008, p.128) defende de que “a imprensa não reflete a realidade, mas ajuda a construí-la”. Ao mesmo tempo em que era pautada pela sociedade, a revista também tinha o poder de influenciar os debates sociais.

Além da pauta, o discurso analisado também seguiu a lógica transgressora ao ousar em sua forma, humanizando a reportagem, ou seja, aproximando o leitor daqueles personagens não-fictícios que até então pareciam muito distantes de sua realidade. Na reportagem analisada, os recursos utilizados são características intrínsecas ao Jornalismo Literário, um gênero que se alinhou perfeitamente aos objetivos editoriais da matéria.

4.2 Análise tríplice da reportagem “*Como mudar de sexo*”

4.2.1 Análise sócio-histórica

4.2.1.1 Era Lula – o contexto sócio-político da revista *piauí*

A revista *piauí* nasceu em outubro de 2006, durante a época que ficou popularmente conhecida como “Era Lula”. O governo de Lula representou um marco histórico para o Brasil, pois foi regado de simbolismos, quebra de paradigmas e superações desenvolvimentistas.. No dia 27 de outubro de 2002, foi eleito o primeiro presidente oriundo das camadas populares no Brasil pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Luiz Inácio Lula da Silva, ex-líder sindical, ex-torneiro mecânico, que estudou apenas até a 4ª série, elegeu-se com 53 milhões de votos, após três derrotas consecutivas, como o 35º presidente do país. Lula, empossado no dia 1ª de janeiro de 2003, veio “romper com um elitismo político” (BUENO, 2010, p.448), ao assumir a presidência após um quarto de século de poder nas mãos do PMDB e oito anos sob o comando do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). O novo presidente representou um sinal de mudança, uma esperança de recomeço. Além da conquista da



estabilidade econômica, seu governo foi marcado por programas sociais que previam grandes mudanças para as classes baixas, mas também por denúncias de corrupção, como o mensalão.

4.2.1.2 Transexualidade no Brasil⁹ – o contexto sócio-cultural referente ao assunto da reportagem

A reportagem “*Como mudar de sexo*” foi publicada em um período em que a cirurgia de troca de sexo era permitida, porém sem o devido reconhecimento cível do novo sexo. Assim, os transexuais sofriam preconceito da sociedade apesar de amparados pela lei e inseridos em um contexto sócio-histórico liberal e modernizante.

Apesar da liberação cirúrgica desde 2002, as restrições quanto ao registro público permanecem. Hoje, há um projeto de lei que defende a mudança de nome para transexuais por meio de ação judicial. A aprovação da matéria seria uma conquista para que a identidade desejada por transexuais seja aceita e respeitada por todos.

4.2.2 Análise discursiva

4.2.2.1 A relação do discurso da reportagem com o contexto sócio-histórico

A grande relação da reportagem em questão com o contexto sócio-político é a necessidade de aproveitar-se da liberdade de expressão para fomentar debates, rompendo porém com a objetividade exigida pela rapidez e instantaneidade, que incide em superficializar questões importantes subjugando o debate em torno delas, como o transexualismo. Desta forma a revista, assim como a *Realidade*, também busca interferir nos rumos do país, mesmo que seja apenas excitando o debate. Exemplifiquemos:

A personagem Linda não suporta ser um homem. Esta auto-rejeição aparece quando o narrador recupera um pouco da sua infância: “*Ela nasceu menino. Desde pequena, na Paraíba, sempre teve certeza de que era uma mulher. Sentia-se estranha num corpo de homem e não suportava se olhar no espelho*”. Neste mesmo parágrafo, além da rejeição que a personagem se impõe, aparece a rejeição familiar a esta sua rejeição: “*Lembrou-se de uma vez, quando tinha 11 anos, botou um vestido e pintou*

⁹ Informações retiradas de um artigo publicado no site <http://jus.uol.com.br/revista/texto/6055/a-problematiza-do-transexualismo>, consultado em 15 de maio de 2011.



os lábios de vermelho. Seu pai ficou possesso. Apanhou dele várias vezes, que lhe gritava: ‘Vira homem, fala que nem homem!’. Os onze irmãos também nunca aceitaram os seus modos femininos”.

4.2.2.2 A estrutura da reportagem no discurso

Mesmo sem que seus criadores admitam, a *piauí* é uma revista influenciada pelo *New Journalism* norte-americano dos anos 1960, assim como a *Realidade*. Isto porque suas reportagens, como vemos pela que estamos analisando, usam e abusam de recursos literários para desenvolver seu discurso. Dentre estes recursos podemos destacar a particularização, visto que ao longo da reportagem verificamos diversos *cases* relacionados ao tema transexualismo. Estas histórias são responsáveis por grande parte das quebras de ritmo ao longo da narrativa, aliadas a exposição de dados e descrições. Junto a isso, *piauí* utiliza textos em primeira pessoa, reproduções de falas, descrições de ambientes e pessoas e demais recursos. Estas características tornam as reportagens da revista, conforme verificamos a partir da reportagem analisada, mais humanizada, mais próxima do leitor. Vejamos:

No nono parágrafo há quebra de ritmo, visto que será descrito o ambiente de trabalho do médico Eloísio Alexandro, no Hospital Pedro Ernesto, do Rio de Janeiro, o cenário onde as histórias referidas se passam. Inicia assim: “*Na sala de Eloísio Alexandro no Hospital Pedro Ernesto, em meio a tubos de ensaio, jalecos, pilhas de livros e computadores, um quadro na parede chama a atenção*”. No décimo sétimo parágrafo uma nova personagem aparece na história e ocorre, portanto, uma nova quebra de ritmo. Linda, a nova personagem, é descrita no parágrafo seguinte da seguinte forma: “*Com 31 anos, Linda é morena, tem cabelos longos, negros e alisados, nariz fino, sobrancelhas desenhadas à pinça e unhas compridas e bem cuidadas. Suas mãos e pés, no entanto, são grandes. Tem os braços musculosos, os ombros largos e no rosto vê-se a marca azulada da barba, resultado de uma eletrólise ainda não concluída*”.

4.2.3 Interpretação/Reinterpretação

De acordo com as análises feitas acima, pudemos verificar a relação da reportagem jornalístico-literária em questão com o seu contexto sócio-histórico através



de dois eixos. No que se refere ao sócio-político, vimos que o país encontrava-se¹⁰ em um regime democrático propício à produção de reportagens sobre quaisquer temas, sem restrições. Sendo assim, a abordagem de temas como o transexualismo visava apenas fomentar o debate, sem ir contra a ordem política, até porque não havia nenhum impeditivo, apenas a fim de atingir setores mais conservadores.

Quanto à ligação com o discurso, sua característica mais marcante foi a particularização, que consiste na distinção de um aspecto ímpar de um contexto multifacetado. No caso da reportagem analisada, a revista não abordou a transexualidade em um contexto amplo, dissertando sobre suas várias problemáticas. Abordou-a de forma mais fechada, pois se deteve nas cirurgias de troca de sexo que acontecem no hospital Pedro Ernesto e nas angústias dos personagens que por lá passam através de *cases*. Para isto, o narrador utilizou-se de reproduções de falas, diálogos e monólogos interiores, e descrições minuciosas de ambientes e pessoas. A revista *piauí* utilizou estes artifícios justamente para se manter viva em um contexto no qual tudo sobre tudo está ao alcance de todos. Como atrair leitores no mundo da *Internet* e do acesso ilimitado a qualquer conteúdo? Justamente disponibilizando este mesmo conteúdo, porém com uma abordagem totalmente diferenciada. Aí está a relação do discurso com o contexto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa analisamos as reportagens “*Êste casamento é proibido. E daí?*”, da revista *Realidade*, de 1969, e “*Como mudar de sexo*”, da revista *piauí*, de 2009, com o objetivo de atestar a relação do discurso e da pauta destas reportagens jornalístico-literárias com o seu contexto sócio-histórico.

Assim, podemos dizer que nossa hipótese foi confirmada no que diz respeito às duas reportagens. Reiteremos. Em se tratando de pauta, a reportagem “*Êste casamento é proibido. E daí?*”, da revista *Realidade*, teve relação com seu contexto político na medida em que buscou transgredi-lo abordando um tema-tabu (divórcio) para a época, porém necessário no debate do contexto cultural. As características discursivas do texto também tiveram relação com o contexto, pois, igualmente, buscaram transgredi-lo,

¹⁰ Em muitos momentos, utilizamos o verbo no passado para nos referirmos à revista *piauí*, mas lembramos que a publicação ainda existe e que, portanto, muitas das considerações ainda se aplicam a ela. Entretanto, optamos por falar da revista apenas até o momento em que a reportagem analisada é publicada.



ousando nos recursos literários utilizados, característicos do Jornalismo Literário, permitindo assim a humanização do texto jornalístico.

Na reportagem “*Como mudar de sexo*”, da revista *piauí* também foi possível verificar a mesma relação. Em relação ao contexto político, ao contrário do que aconteceu com a *Realidade*, não precisou transgredi-lo, e sim aproveitar-se de seu contexto liberal para se utilizar do Jornalismo Literário tanto para escolher a pauta como para delinear os recursos literários que recheiam suas matérias. Quanto ao contexto cultural, precisou abordar novamente temas que não sofriam censura explícita devido ao contexto modernizante, mas que se tornaram banalizados e subjugados num mundo que esconde seus preconceitos em virtude do contexto, mas ainda assim os têm.

Ao fim da análise, pudemos reiterar a importância da discussão em torno do papel do Jornalismo Literário como fomentador de discussões relacionadas ao contexto sócio-histórico. A união destes dois fatores nos mostrou que a fuga da objetividade não é de todo ruim, pois humaniza, aproxima e reacende uma reflexão apagada pela mídia diária e evita que a sociedade o absorva de forma resignada, descartando uma informação que deveria gerar reflexão e atitude.

Este estudo buscou levantar essa relação a fim de instigar um debate que pode servir de projeção para o que será produzido daqui para a frente. Não pretendemos, portanto, esgotar aqui o assunto, até porque nossa delimitação não é suficiente para isto. Pretendemos, ao contrário, estimular mais estudos sobre esse eixo temático relacionado ao Jornalismo Literário, a fim de que a análise do passado interfira de forma positiva nos projetos jornalísticos do presente e do futuro.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKER, Clara. Como mudar de sexo. *piauí*, São Paulo, n°43, p.36-42, abr.2010.

BOAS, Sérgio Vilas. **O Estilo Magazine**. 3ªed. São Paulo: Summus, 1996.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. 2ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000,

COIMBRA, Osvaldo. **O texto na reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura**. São Paulo: Ática, 2004.

HOHLFELDT, Antônio. Hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação. In: HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, Luiz; FRANÇA, Vera Veiga (Org.). **Teorias da Comunicação – Conceitos, escolas e tendências**. 4ªed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri, SP: Manole, 2004.

MARÃO, José Carlos. Este casamento é proibido. E daí? **REALIDADE** (1967 – 1976), São Paulo, n° 44, p.44-50, nov. 1969.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da Notícia e do Jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

VALADARES, Virgínia Trindade; RIBEIRO, Vanise; MARTINS, Sebastião: **História: Assim caminha a humanidade**. Belo Horizonte: Editora do Brasil em Minas Gerais, 1993.